

Sobre pontes e fronteiras: uma carta transfeminista à Gloria Anzaldúa

Cauê Assis de Moura¹
Marcos Ribeiro Mesquita²

Resumo: Este artigo apresenta uma carta endereçada a Gloria Anzaldúa, fruto de uma pesquisa que cartografa as produções transfeministas das transmasculinidades no contexto brasileiro, enquanto, concomitantemente, as compõe. A escrita assume uma forma de encontros que se estabelecem no movimento de habitar entre-lugares, recusando os moldes normativos da produção acadêmica e propondo o contato e o movimento entre as fronteiras. O texto começa com a apresentação da carta e da escolha por um endereçamento situado, que tensiona as fronteiras entre o íntimo e o político, o artístico e o acadêmico. Em seguida, a própria carta se desdobra como um corpo-texto que lida com as implicações de pensar e viver em espaços limiares. Ao mesclar perguntas, cenas, lembranças, críticas e aforismos, o texto se engaja em relações que possibilitam um encontro afetivo e teórico. A carta propõe um diálogo entre feminismos e transfeminismos, a partir da sua relação com o conceito de “nova consciência mestiza” e alguns dos seus desdobramentos no cenário brasileiro.

Palavras-chave: Cartas. Fronteiras. Transfeminismos. Transmasculinidades.

¹ Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. E-mail: caueassis15@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2453788685433123>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4062-2068>.

² Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: marcos.mesquita@jp.ufal.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9059784963404615>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1642-0259>.

Como apresentar uma carta? Essa é a pergunta que nos ronda... talvez seja preciso dizer que a carta a seguir compõe uma pesquisa realizada pelo primeiro autor deste texto, sob orientação do segundo. “Por que cartas? [...] Qual sua primeira experiência com cartas e correio? Você já escreveu uma para alguém? Ou as correspondências que recebe são as publicitárias e de cobrança? Visitando sua caixa de correio: o que encontraremos?” (Batistelli e Oliveira, 2021, p. 682). As cartas chegam e vão ali, meio que conversando com a gente, nos convidando para uma resposta.

Desde que resolvi cartografar a relação das transmasculinidades com os transfeminismos, fiquei às voltas sobre como abordar uma relação na qual se está diretamente implicado. Não que isso seja um problema. A questão é: como? No movimento de escrever, fui entrando em contato com um emaranhado de perguntas – minhas e das autorias com quem dialogo – perguntas que me colocam em movimento, fazendo da dúvida um lugar de encontro na composição. “As transmasculinidades seriam réplicas passivas de modelos pré-existent?” (Almeida, 2019, p. 32). “O que acontece com gente como eu que está ali no entre-lugar de todas essas categorias diferentes? O que é que isso faz com nossos conceitos de nacionalismo, de raça, de etnia, e mesmo de gênero?” (Anzaldúa *apud* Costa e Ávila, 2005, p. 691).

O que é não ser trans? “[...] como engendrar, nesse espaço tenso das vidas quebradas pela violência normalizadora, uma conexão afetiva de outro tipo, uma conexão que não esteja baseada na integridade do sujeito, mas em sua incontornável quebra?” (Mombaça, 2021, p. 22). As perguntas se acumulam, uma puxando a outra. Não seriam demais para uma única pesquisa? “[...] se nos recusarmos a nos tornar mulher o que acontecerá com o feminismo? [...] é possível encontrarmos modelos feministas capazes de reconhecer o projeto político expresso como recusa?” (Halberstam, 2020, p. 175). Porém, há quem diga que os feminismos só se estendem até a borda das mulheridades. “[...] vocês perguntam o que um homem trans está fazendo aqui dentro do transfeminismo? [...] Você me aceita com bigode e barba no movimento feminista? [...] Se o critério é a vagina, eu tenho uma – quer que eu mostre?” (Nery, 2016, 34min02s à 35min08s) Como caminhar entre fronteiras? É preciso aprender a manejar a caneta, a borrar os limites.

As autorias que acompanham a pesquisa são hábeis em formular perguntas e o fazem de modo tão potente que nos arrastam junto. E você, já se deixou levar por alguma dessas indagações? “A questão não é: o que eu sou? Qual sexo ou qual sexualidade? Mas: como isso funciona? Como podemos interferir no seu funcionamento? E, mais importante ainda: como isso pode funcionar de outro modo?” (Preciado, 2018, p. 11-12). Como viver em um mundo que foi tramado para que você não pudesse existir? E cá estamos novamente orbitando em torno do “como”. “Cada vez mais, homens trans e transmasculinos estão engravidando e será que o Sistema Único de Saúde e os hospitais estão preparados para recebê-los?” (Peçanha, 2024, n.p). Como explicar o transfeminismo? Um aforismo? Talvez três? Aforismos me empolgam, talvez porque sejam feitos de uma linguagem híbrida, situada entre a literatura e a filosofia.

1. Se posso iniciar descrevendo algo certo sobre o transfeminismo é que ele é uma chama e o combustível se chama gênero, embebido no pavio do feminismo – servindo como lamparina ou coquetel molotov.
2. Mas se eu pudesse ser menos objetiva, diria que o pavio, tanto quanto o combustível e a chama, são fabricados [...] 10. Transfeminismo: pensamento com ação. (Jesus, 2014, p. 102).

E se eu acrescentar também os aforismos 23 e 24? Eles fazem parte de uma lista extensa – mais de 70 – que Jaqueline Gomes de Jesus (2014) compartilhou na mesa redonda “transfeminismos do Brasil” durante o X Seminário Internacional Fazendo Gênero. O aforismo 23 aborda a relação do transfeminismo com o feminismo negro, destacando o reconhecimento das lutas anteriores e a interseccionalidade como seus principais elementos herdados. Já o aforismo 24 trata da relação do transfeminismo com o feminismo lésbico, ressaltando a irmandade formada pela convergência dos processos de exclusão que obedecem a critérios de classificação. No fluxo dessa conversa, também compus um aforismo: sabemos que as pessoas trans, há muito tempo, falam dos sabores amargos em suas bocas, mas precisamos dizer agora que também experimentamos delícias e fazemos doces. Continuando esse aforismo, eu diria que transfeminismos é o nome de uma coletividade monstruosa que, cansada do amargor dos enlatados coloniais,

experimenta a feitura e a artesanaria dos próprios doces. “Como alcançar a intimidade e imediatez que quero? De que forma?” (Anzaldúa, 2000, p. 230).

É preciso experimentar, mas “Como trabalhar com a escrita acadêmica? [...] Como produzir textos que possam cumprir sua tarefa e ainda assim ser afetiva, simples e intensa?” (Batistelli, 2017, p. 25). Eu ouvi alguém mencionar cartas? Voltamos ao início do nosso texto. Nelas cabem muitas coisas, mensagens de agradecimento, trecho de música, exercícios para treinar formas de subverter a escrita, cabem também fotografias, selos, recortes, imagens, críticas sociais, uma lembrança bonita, indicações de leituras, poesias [...]. “Já pensou no que ocorreria se você transformasse sua pesquisa em cartas e as compartilhasse com pessoas diversas que tenham a ver com seu tema de pesquisa?” (Batistelli e Oliveira, 2021, p. 691). Então, vamos lá...

À Gloria Anzaldúa

Gloria, já faz um tempo que venho querendo te escrever, vez ou outra fico fabulando algumas coisas que gostaria de conversar contigo, mas, sempre que começo a colocar as palavras no papel fico meio sem jeito. Pode ser, porque eu te leio com o pé na boca, e meus pés são desses que cruzam fronteiras. Quando li pela primeira vez a tua carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo (Anzaldúa, 2000), já havia abandonado a identidade política das mulheridades. Desde lá, mesmo as palavras não sendo endereçadas a mim, elas me inquietam.

Sentei no sofá, que está na varanda, o notebook apoiado nas pernas, minha vista é um quadro sem moldura: meia parede amarela em contraste com o céu azul claro e ensolarado, típico de uma tarde de verão em Maceió, essa cidade litorânea do Nordeste brasileiro, com a qual eu vivo um caso de amor e raiva. Pensei em você e no ato de te escrever, respirei fundo e deixei os dedos tocarem o teclado.

Cartas são a política de escrita da pesquisa que estou realizando, você está me acompanhando nesse percurso, me ajudando na difícil tarefa de aprender a manejar a caneta. Com as cartas, posso alcançar o contato e a intimidade que preciso para friccionar fronteiras.

Língua água
lambendo **lindes**
Lamina **língua**
limando **margens**³

Assim como você, faço parte das pessoas que sabem que estão “separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto [...]” (Anzaldúa, 2000, p. 232). Leio seus textos, ensaios, poemas, autohistoriasteorias... a partir de múltiplos lugares, encontro várias entradas nas tuas palavras. Deve ser por isso que elas me agarram, ou melhor, deve ser por isso que me agarro a elas. Há momentos em que funcionam como boias, ou coletes salva-vidas, possibilitando continuar fluindo nas águas agitadas e profundas das identidades. Como você bem diz:

Identidade não é um monte de cubículozinhos abarrotados respectivamente com intelecto, raça, sexo, classe, vocação, gênero. Identidade flui entre e sobre os aspectos de uma pessoa. Identidade é um rio — um processo. Contida dentro do rio está sua identidade, e ela precisa fluir, mudar para continuar um rio – se parasse seria um corpo de água contido, como um lago ou um tanque. As mudanças no rio são externas (mudanças no ambiente – leito do rio, clima, vida animal) e internas (águas adentro). O conteúdo de um rio flui por entre suas margens. Mudanças na identidade, da mesma forma, são externas (como outras/os percebem alguém como alguém percebe outras/os e o mundo) e internas (como alguém percebe a si mesma/o, autoimagem). Pessoas em diferentes regiões nomeiam as partes do rio/pessoa que veem (Anzaldúa, 2021a, p. 133-134).

Fui te encontrando aos poucos, meio que esbarrando com citações tuas em vários textos. Quando mergulhei com mais profundidade nas leituras transfeministas, senti fortemente a tua presença, especialmente no contexto norte-americano, mas também no brasileiro. Em 2004, o ano em que você nos deixou, Emi Koyama publicou o zine *Whose Feminism Is It Anyway? and other essays from the third wave*, reunindo alguns dos

³ Poesia intitulada *Linguagens*, de autoria do primeiro autor deste texto.

ensaios emblemáticos escritos por ela, como *The Transfeminist Manifesto* e *Whose Feminism Is It Anyway? The Unspoken Racism of the Trans Inclusion Debate*. Logo depois da capa, na primeira página do zine, aparece uma fotografia tua sorrindo, acompanhada da seguinte dedicatória: “Dedicated to Gloria Anzaldúa who had been by far my greatest influence and inspiration.” (Koyama, 2004)

Expondo e questionando as tensões existentes em torno da participação de mulheres trans no movimento feminista, Koyama (2004) aponta que nós, pessoas trans, assim como *New Mestizas*, ocupamos terras fronteiriças onde as noções de masculinidade e feminilidade colidem. Nós conhecemos bem os perigos de cruzar fronteiras, “perigos com os quais devemos contar enquanto seguimos atravessando as linhas de fogo” (Anzaldúa, 2021a, p. 188).

Recentemente, em 2023, Susan Stryker, em uma entrevista a um pesquisador brasileiro (Vieira, 2023), foi questionada sobre suas principais inspirações teóricas e epistemológicas – quais trabalhos mais a influenciaram ao longo de sua trajetória. E respondeu:

Eu quero reconhecer a grande dívida que tenho com o feminismo negro, particularmente, com os feminismos de fronteira, que incluem dois dos trabalhos mais influentes que li quando eu estava pensando sobre como ser trans, uma intelectual e uma ativista nos anos 1990. Foi *Borderlands*, de Gloria Anzaldúa (1987), e *Zami, a New Spelling of My Name: A Bio Mythography* de Audre Lorde (1982) (2023, p. 5).

No ensaio “O Império contra-ataca: um manifesto pós-transexual” (Stone, 2023), considerado um marco fundador dos estudos trans nos Estados Unidos, Sandy Stone agradece os “comentários valiosos” que você fez aos primeiros rascunhos da obra. O ensaio de Stone reivindica uma posição de fala para nós, pessoas trans, que seja capaz de sustentar as complexidades, ambiguidades e multiplicidades de nossas vivências. Ela se opõe à literatura médico-legal/psicológica e às teorias feministas radicais que nos reduzem a objetos homogeneizados e totalizados e nos condicionam a meras reprodutoras de estereótipos de gênero. Nesse contexto, destaca:

Também chamo atenção para Gloria Anzaldúa e sua teoria da mestiça, um sujeito ilegível vivendo nas fronteiras entre culturas, capaz de discurso parcial em cada uma mas sempre apenas parcialmente inteligível para cada. Trabalhando a contrapelo dessa posição, a “nova mestiça” de Anzaldúa tenta vencer a ilegibilidade parcialmente ao tomar controle do discurso e da inscrição e escrever a si mesma no discurso cultural. O deslumbrante “Borderlands” é o caso em questão (Stone, 2023, p. 274).

Para minha tristeza – até agora no início do ano de 2025 – *Borderlands / La Frontera: The New Mestiza* (Anzaldúa, 1987) ainda não foi traduzido para o português, mas tudo indica que esse ano será lançado, com o título *Limiares / La Frontera: A Nova Mestiza*. No entanto, a versão em espanhol, *Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza* (Anzaldúa, 2016) me possibilita acessar o livro com certa proximidade, e evidencia o desafio em traduzir a obra. Carmen Valle Simón, tradutora, enfatiza: “¿Cómo se traduce un libro escrito sobre todo en inglés, con amplios fragmentos o palabras y frases intercaladas en español y con términos en nahuatl?” (Simón, 2016, p. 29). Encontrei três capítulos traduzidos para o português: *La conciencia de la mestiza / rumo a uma nova consciência* (Anzaldúa, 2005); *Como domar uma língua selvagem* (Anzaldúa, 2009); *Tlilli, Tlapalli: O caminho da tinta vermelha e preta* (Anzaldúa, 2021b). Esse último conta apenas com uma tradução em formato de áudio, disponível no podcast VER.SAR #055 – Debora Pazetto lê Gloria Anzaldúa.

Você entrecruza minhas leituras. Jota Mombaça, artista indisciplinar, que também vem me acompanhando e apontando caminhos epistemológicos-teóricos-artísticos-metodológicos, conversa contigo no texto *Pode um cu mestiço falar?*

As vozes anasaladas, as expressões do Pajubá, a escrita encarnada e assumidamente autoral reivindicam seu lugar na construção dos possíveis, e ao fazê-lo não o fazem segundos métodos tradicionais, porque produzem um rasgo profundo, que permitem aos pensamentos degenerados (não necessariamente escritos sob a forma de um artigo, ensaio, monografia, nem pronunciados como defesa, comunicação ou palestra) superam, como na atitude poética de Gloria Anzaldúa em “Como domar uma língua selvagem”, a tradição do silêncio (Mombaça, 2015, s.p.).

Novas mestizas querem novas metodologias, são limiares, vivem “nas fronteiras entre as culturas, raças, linguagens, e gêneros” (Anzaldúa, 2021a, p. 194). É daí que advém o perigo, “nova mestiza é uma categoria que ameaça a hegemonia dos neoconservadores porque quebra com seus rótulos e teorias usados para nos manipular. Abrir furos em suas categorias, rótulos, teorias, significa abrir furos em seus muros” (ibid., p. 187). Li atentamente teus avisos sobre os perigos do ácido acadêmico, do peso e pressão dos discursos da alta teoria, do esgotamento, cansaço, sobrecarga...

várias
vezes
palavra
não
fala
GRITEI

aquenda
corpo
mati
é
odara
POESIA⁴

Te encontrei mais uma vez na dissertação de mestrado de Viviane Vergueiro: *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*:

[...] esta dissertação de mestrado se configura como um processo acadêmico em que o conceito de fronteiras está presente de diversas maneiras. Anzaldúa (1987) (tradução nossa), no prefácio de “Borderlands/La frontera: the new mestiza”, apresenta as fronteiras como existentes “onde quer que duas ou mais culturas se margeiem, onde pessoas de diferentes raças ocupem o mesmo território, onde subclasses e classes baixas, médias e altas se toquem, onde o espaço entre duas pessoas se encolha em intimidade (Vergueiro, 2016, p. 19).

Buscando quebrar a dualidade sujeito-objeto, seguindo os caminhos ofertados por você e a sugestão afetiva dada por Jaqueline Gomes de Jesus, para pensar “as fronteiras também enquanto encruzilhadas de saberes e fazeres” (ibid., p. 19), Vergueiro aponta como as autoetnografias trans “podem se configurar como parte de um processo

⁴ Poesia escrita pelo primeiro autor do texto, intitulada *GRITEI POESIA*.

decolonial de gênero, recusando-se às limitações epistemológicas dominantes neste ‘campo’ [...]” (ibid., p. 25).

As leituras me ataçaram a continuar nas tuas palavras e me impulsionam a escrever friccionando as fronteiras entre primeira pessoa do singular e do plural. As palavras vivem quando se perdem em nós, escrever é um entrelaçar de fios. Daqui, do entre-lugar em que me encontro, posso dizer que nós pessoas transmasculinas:

Por um lado, ao reivindicarmos e ressignificarmos masculinidades, somos com alguma frequência entendidos como aspirantes a privilégios machistas. Por outro, muito mais frequentemente, não temos nossas masculinidades reconhecidas e sofremos diretamente a opressão machista: nossos corpos são lidos como estupráveis e seguem marcados pela tutela e controle que caracterizam a relação da sociedade com os corpos das mulheres. Isso impacta diretamente tanto a construção da identidade de gênero e modificações corporais quanto a vivência da sexualidade, desejo e vida social (Palhano, 2015, s/p).

Incorporando tuas palavras: “O significado moderno da palavra ‘machismo’, assim como seu conceito, é, na verdade, uma invenção dos anglos” (Anzaldúa, 2005, p. 710). Daqui é possível ver, parcialmente, com olhos de serpente e de águia, e devo dizer que concordo com você: “A ternura, um sinal de vulnerabilidade, é tão temida que é despejada nas mulheres com violência e golpes verbais. Os homens, até mais que as mulheres, estão acorrentados a papéis de gênero. [...]” (ibid., p. 711). Precisamos de novas masculinidades.

Esse lugar fronteiro, no qual gêneros, sexualidades e desejos se cruzam, se complexifica de acordo com os posicionamentos e com as leituras dos marcadores sociais que carregamos. E por isso, daqui, é possível sentir as tensões e as violências que as oposições podem causar. Porém, é importante destacar, como fez Emi Koyama (2004), que a analogia da fronteira não pretende sugerir que pessoas trans estejam em algum lugar entre o masculino e o feminino. Em vez disso, o espaço que ocupamos é legitimamente nosso, assim como as atuais fronteiras do Texas com o México pertencem às pessoas *chicanas*. Viver na fronteira não é apenas sobreviver a ela, reside nela também a

possibilidade de criar novas formas de existência. É preciso aprender a movimentar-se nesse espaço, onde as categorias colidem e se desestabilizam, onde os contornos do possível são constantemente redesenhados, você nos ensinou isso.

Comecei a desconfiar cada vez mais que as transmasculinidades são uma das chaves do nosso tempo para repensar feminismos e masculinidades, entendi também que essa não é uma desconfiança só minha. E aqui estou eu, imerso em uma pesquisa que se propõe a cartografar, dentro do cenário brasileiro, as produções transfeministas das transmasculinidades, enquanto concomitantemente as componho. Aqui estou eu, no meio de tudo isso, conversando contigo “una mujer de frontera” (Anzaldúa, 2016, p. 35), *dyke*, *queer*, “loquita, jotita, marimacha, pajuelona, lambiscona, culera” (Anzaldúa, 2021, p. 126). Vejo a ponte serpente arco-íris se encontrando com outras pontes... Çacoaimbigueiras, Tibiras, Xica Manicongo, Patlache.... No carnaval deste ano, aqui no Brasil, assisti a uma das principais Escolas de Samba do Rio de Janeiro – Paraíso do Tuiuti – cantar em coro o samba-enredo de 2025, *Quem tem medo de Xica Manicongo*:

[...] Faz tempo que eu digo não / Ao velho discurso cristão / Sou Manicongo
Há duas cabeças em um coração/ São tantas e uma só/ Eu sou a transição/ Carrego dois mundos no ombro [...].

Digo isso entendendo também as limitações do enquadramento dessa imagem, enquanto a assistia, me perguntava: “cadê as transmasculinidades?”. Como diz o ditado: “quem canta seus males espanta”. Lembro de Luck Palhano, primeiro Coordenador Nacional do IBRAT e vocalista da banda Apocalypse Cùier, que, entre risos, entoa em coro e com alegria a música *Tropic All* (2025): “O Nosso Apocalipse é Preto, Indígena e Sapatransviade [...] Uma salada de frutas com leite condensado Sapatransviade, tudo Misturado [...]”.

Paul B. Preciado, junto com você e Mombaça, tem me acompanhado nesse movimento de borrar as fronteiras do epistemológico, do teórico, do artístico e do metodológico. No livro *Dysphoria Mundi: o som do mundo desmoronando* (2024),

Preciado, tomado por um otimismo metodológico, evoca o seu nome e fala a todas as pessoas ativistas que estão movendo a revolução:

Vocês já não são uma classe social, nem um gênero ou um sexo preciso, não são exatamente proletários, nem apenas exatamente mulheres, nem simplesmente homossexuais, negras ou trans. Não procuram resolver os antagonismos através de uma relação dialética. Vocês são uma secessão criativa. Sua tarefa política será articular essas diferenças heterogêneas sem totalizá-las ou unificá-las falsamente sob uma suposta identidade ou uma ideologia. A de ser um bando de intensidade apaixonada através da qual se filtra o desejo de mudar tudo. Sair dos significantes despóticos da identidade. Não é mais Nietzsche: todos os nomes da história são o seu nome. É Gloria Anzaldúa: a história ainda não conhece seus nomes (Preciado, 2024, p. 532).

O conceito de nova mestiza possibilita a construção de alianças que escapam à taxonomia colonial, no entanto, não minimiza o efeito que ela produz em nós e nas relações. É como uma espécie de ponte que chamamos de lar, esculpida a partir da erosão que as ondas do mar provocam nas rochas; sabemos que há riscos, mas é preciso lembrar que assim como o lar, as pontes podem ser espaços inseguros. Concordo com você, as ondas somos nós, “narrativas pessoais e culturais não são questionamentos objetivos e desinteressados de políticas de identidade, mas engajamentos apaixonados e conflituosos na resistência” (Anzaldúa, 2002, p. 2, tradução minha).

Já faz um tempo que venho me enroscando com a nova mestiza, ela alinhava as teorias-práticas transfeministas com as quais escolhi dialogar durante a dissertação. É uma linha fina, quase imperceptível, mas que exige cuidado ao ser manejada, é cortante, afiada, tem vontades e desejos próprios, é inquieta, não sustenta rótulos fechados, ela sempre escapa; mesmo correndo riscos, coloco a linha na agulha e deixo que ela faça seu trabalho. O que entendo por transfeminismo se aproxima de um feminismo mestizo, ou melhor, se aproxima de um feminismo movido por uma nova consciência mestiza. O prefixo trans sinaliza o movimento após o contato e atrito entre as fronteiras.

A tradução de mestiza para o contexto em que me encontro gera alguns problemas, pois evoca imagens da ideologia de embranquecimento, que alicerça o racismo brasileiro.

Essa é uma conversa longuíssima, e extremamente importante; antes mesmo de começar essa carta já me debatia com essa problemática. Uma vez, falando com um amigo sobre isso, ele me disse que em 2023 você recebeu uma carta justamente com essa temática. Annelise te escreveu:

[...] tenho tentado traduzir esse conceito de mestiza para o contexto brasileiro e esbarrado em algumas dificuldades. Uma vez que a miscigenação no Brasil, quando não à base de estupros, ocorreu muitas vezes sob a ideologia de embranquecimento, o termo “mestiça” é frequentemente associado a uma falsa ideia de democracia racial que encobre as violências físicas e psicológicas deixadas pela herança colonial (Barrada, 2023, p. 14).

Sigo, assim como Annelise, acreditando que esse termo está em disputa e por hora adio o desfiar desse assunto. Há tanto que eu gostaria de conversar contigo, sobre política, sobre o clima, sobre as mudanças na internet... e sobre os rumos que o mundo tem tomado. A política global parece cada vez mais turbulenta, com velhas fronteiras sendo reforçadas e novas formas de resistência emergindo, e no meio disso tudo, ainda vemos a indústria cultural promovendo narrativas distorcidas, como no caso daquele filme racista, transfóbico e que exotifica a cultura mexicana, mas que, mesmo assim, foi indicado ao Oscar este ano... Paul B. Preciado publicou, em 2025, no jornal espanhol *El País*, o artigo *Emilia Pérez contra Jacques Audiard: una amalgama cargada de racismo y transfobia*, em que faz uma crítica bastante interessante ao longa.

Pela manhã, enquanto tomava café e conversava sobre tudo isso com Milka, a companheira com quem compartilho a vida e muitas intimidades, comentei que hoje seria o dia de finalizar este texto. Ela brincou e respondeu que das autorias com as quais me envolvo, você é minha relação mais intensa. Afirmo contigo “eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita” (Anzaldúa, 2000, p. 233), e repito comigo mesmo que é preciso acabar, deixar as palavras irem; os prazos estão vencidos, a dissertação está quase no fim, essas palavras são parte dela. Na montagem que elaborei para você, essa carta é a primeira, mas fique à vontade para seguir por onde quiser, os caminhos podem ser muitos. As cartas estão interligadas, há uma estrutura que vem se desenhando durante o percurso,

como te disse, propus cartografar e concomitantemente compor produções transfeministas, escrevo com o corpo dentro e não separo teoria de prática.

Algumas vezes, consegui seguir o teu conselho de não passar tanto tempo na frente do teclado. Em vez disso, deixei as palavras e imagens surgirem enquanto regava as plantas, brincava com os gatos, arrumava a casa ou durante o trajeto de ida e volta do trabalho administrativo de meio período que realizo para pagar as contas. Com o passar dos dias, necessários para tecer e montar essa escrita, uma cena do nosso encontro foi se formando, e decidi finalizar a carta com ela. A cena começa com um plano aberto: chegamos de costas, entramos no enquadramento por lados opostos, passos em câmera lenta, até que nossas costas se tocam. Depois de um tempo que não consigo dimensionar, nossos corpos, de maneira sincrônica, rotacionam, e a cena termina em um plano fechado do nosso abraço.

Com afeto
Cauê Assis de Moura
Março de 2025

Referências

ALMEIDA, Guilherme. Revisitando a aquarela das masculinidades. **Revista Cult**, São Paulo, n. 242, p. 32–35, 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/revisitando-aquarela-das-masculinidades/>. Acesso em: 18 mar. 2025.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. Trad. Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos e Viviane Veras. In: **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa**. N. 39, p. 297-309, 2009.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza**. Trad. de Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 2016.

ANZALDÚA, Gloria. **A Vulva é uma Ferida Aberta e Outros Ensaio**s. Trad. de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021a.

ANZALDÚA, Gloria. **Tlilli, Tlapalli: o caminho da tinta vermelha e preta**. Tradução. Leitura de Débora Pazetto. VER.SAR – práticas artísticas, maternidades e feminismos, ep. #055, 2021b. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0UPpMZJBnvdYcYlgVRpk69?si=024a1dded2234bd>. Acesso em: 20 mar. 2025.

BARRADAS, Annelise Schwarcz Mantuano. **Formas mestizas: novos rumos para um mundo por vir**. 2023. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: <http://www.pgfi.uff.br/dissertacoes/>. Acesso em: 10 mar 2025.

BATTISTELLI, Bruna. **Carta-grafias: entre cuidado, pesquisa e acolhimento**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169461>. Acesso em: 7 fev. 2025.

BATTISTELLI, Bruna; OLIVEIRA, Érika. Cartas: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. **Curriculo sem Fronteiras**. [s. l.], v. 2, p. 679-701, 2021. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss2articles/battistelli-oliveira.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2025

COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana de Souza. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 691, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300014>. Acesso em: 31 maio. 2025.

HALBERSTAM, Jack. **A Arte Queer do Fracasso**. Recife: Cepe editora, 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de Prolegômenos para o futuro pensamento transfeminista. In: MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Gláucia de Oliveira; FUNCK, Susana Bornéo, (Orgs.). **Políticas e fronteiras: desafios feministas**. Tubarão: Ed. Copiart, 2014c. p. 97-111

KOYAMA, Emi. **Whose Feminism Is It Anyway?** and other essays from the third wave. Eminism.org, Oregon, 2004. Disponível em: <https://eminism.org/store/pdf-zn/whosefeminism2.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar?. **Medium**, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em: 13 fev. 2025.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NERY, João W. **Seminário Transfeminismos: Novas Perspectivas dos Feminismos: Transfeminismos e a lei João Nery**. YouTube, [s. l.], 10 abr. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/rZhrihXFsmU?si=9NgUq3LJqEPwdsss>. Acesso em: 04 fev. 2025

PALHANO, Luck. Homens trans, da invisibilidade à luta. **Revista Geni**, [s. l.], n. 24, jul. 2015. Disponível em: <https://revistageni.org/07/homens-trans-da-invisibilidade-a-luta/>. Acesso em 30 jan. 2025.

PEÇANHA, Leonardo. A negritude sempre esteve presente no movimento trans. **Mídia NINJA**, [s. l.], 18 jun. 2024. Disponível em: <https://midianinja.org/leonardo-pecanha-a-negritude-sempre-esteve-presente-no-movimento-trans/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PRECIADO, Paul B. **Transfeminismo**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PRECIADO, Paul B. Emilia Pérez contra Jacques Audiard: uma amalgama carregada de racismo e transfobia. **El País**, Babelia, 09 jan. 2025. Disponível em: <https://elpais.com/babelia/2025-01-09/emilia-perez-contra-jacques-audiard.html>. Acesso em: 19 mar. 2025.

QUEM TEM MEDO DE XICA MANICONGO. Intérpretes Paraíso do Tuiuti; Pixulé; Rio Carnaval. Rio Carnaval – Edimusa, 2025. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6e4DjLQfBaKK74xydlYLDy?si=2667d6f92eff4527>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SIMÓN, Carmen Valle. Traducir Borderlands/La Frontera. In: ANZALDÚA, Gloria E. **Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza**. Trad. de Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 2016. p. 29-31.

STONE, Sandy. O Império contra-ataca: um manifesto pós-transexual. **Revista Periódicus**, [s. l.], v. 2, n. 19, p. 254–277, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v2i19.53117>. Acesso em: 22 mar. 2025.

TROPIC ALL. Intérprete Apocalypse Cúier. Apocalypse Cúier, 2025. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3AXUesYi9T4ICSJMH96hJs?si=3bc41c9dc372460b>. Acesso em: 09 fev. 2025.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016. Dissertação (Mestrado em Humanidades) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>. Acesso em: 09 mar. 2025.

VIEIRA, Francisco Cleiton. Estudos trans e políticas globais em perspectiva feminista: uma entrevista com Susan Stryker. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 31, n. 3, p. 1-11, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n390958>. Acesso em: 11 mar. 2025.

On Bridges and Borders: a Transfeminist Letter to Gloria Anzaldúa

Abstract: This article presents a letter addressed to Gloria Anzaldúa, the result of a research project that maps the transfeminist productions of transmasculinities in the Brazilian context, while simultaneously composing them. The writing takes the form of encounters that are established in the movement of inhabiting in-between places, rejecting the normative molds of academic production and proposing contact and movement across borders. The text begins with the presentation of the letter and the choice of a situated address, which tensions the boundaries between the intimate and the political, the artistic and the academic. Then, the letter itself unfolds as a body-text that deals with the implications of thinking and living in threshold spaces. By mixing questions, scenes, memories, criticisms and aphorisms, the text engages in relationships that enable an affective and theoretical encounter. The letter proposes a dialogue between feminisms and transfeminisms, based on its relationship with the concept of “new mestiza consciousness” and some of its developments in the Brazilian scenario.

Keywords: Letters. Borders. Transfeminisms. Transmasculinities.

Recebido: 31/05/2025

Aceito: 20/02/2026